

“QUEM FALA DE NOIZ É NOIZ”: SLAM NA ESCOLA, A VOZ QUE CONTA NOSSA HISTÓRIA

“WHE TALK ABOUT US”: SLAM AT SCHOOL, THE VOICE THAT TELLS OUR STORY

Dossiê:

Literatura negra e indígena no Brasil:
oralidades, ancestralidades, resistências



ORGANIZADORES:

Dr. Paulo Petronílio Petrot



Dr. Pedro Mandagará



Dr^a. Luciana Borges



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 33, n. 65, ago. 2024
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 29/05/2024

Aceito em: 27/06/2024

DISTRIBUÍDO SOB



Laura da Conceição Oliveira  

UFJF | lauraconceicao101@gmail.com

Sônia Maria Clareto  

UFJF | sonia.clareto@ufff.edu.br

Tarcísio Moreira Mendes  

UFJF | tarcisiodumont@yahoo.com.br

Resumo/Abstract

O presente artigo se constitui junto a vivências da poesia falada – Slam – na escola. O Poetry Slam ou simplesmente Slam é uma manifestação cultural que gira em torno da expressão poética oral e corporal. Manifestação ligada ao movimento HIP-HOP, inicialmente, é efeito de movimentos de jovens negros e da periferia de grandes cidades. Hoje, está difundido por diferentes territórios. Suas temáticas estão voltadas à luta antirracismo, às denúncias das desigualdades de classe e gênero e sexualidade. Nesse trabalho, o pesquisador se dá junto a vivências e oficinas poéticas em escolas públicas da cidade de Juiz de Fora (MG). O que emerge das intervenções das oralidades e corporalidades poéticas nas escolas? Afetado por essa pergunta, este artigo traz versos criados pelas pessoas participantes – alunas e alunos da escola básica – no exercício de contar suas próprias narrativas e reflexões em torno da oralidade, de uma outra corporalidade e da escrita que se faz periférica ao que é dado hegemonicamente.

Palavras-chave: oralidade e corporalidade, potências periféricas, educação, poesia falada.

This article is created together with experiences of spoken poetry – Slam – at school. Poetry Slam is a cultural manifestation that revolves around oral and bodily poetic expression. A manifestation linked to the HIP-HOP movement, initially, is the effect of movements of young black people and those from the outskirts of large cities. Today, it is spread across different territories. Its themes are focused on the fight against racism, denouncing class, gender and sexuality inequalities. In this work, the research takes place alongside poetic experiences and workshops in public schools in the city of Juiz de Fora (MG). What emerges from the interventions of orality and poetic corporeality in schools? Affected by this question, this article brings verses created by the participants – students and elementary school students – in the exercise of telling their own narratives and reflections around orality, another corporeality and writing that becomes peripheral to what is given hegemonically.

Keywords: orality and corporeality, peripheral powers, education, spoken poetry.

QUE SOM É ESSE? QUE POESIA É ESSA? É NOIZ!

Esse artigo se faz a partir de uma caminhada entrelaçada com a educação, a poesia falada e as potências periféricas. Por acreditar que o pesquisar, assim como a perpetuação das oralidades e das tradições negras são processos coletivos, a partir de agora usaremos a primeira pessoa do plural, referindo-nos aos corpos que estiveram, estão e estarão conosco nessa escrita. Reforçamos a necessidade de não hierarquizar os conhecimentos, uma vez que os saberes populares, cotidianos e urbanos não são menos importantes ou legítimos do que os científicos ou ditos acadêmicos. Professora Nilma Lino Gomes junto aos movimentos sociais negros nos ajuda nessa empreitada:

O sábio não é o cientista fechado no seu gabinete ou laboratório. Mas é aquele que conhece o mundo através de seu mergulho no mundo. Esse conhecimento pode ser sistematizado na forma de teoria ou não. A teoria e a experiência prática são vistas como formas diferentes de viver e de sistematizar o conhecimento do mundo, pois é no mundo que a vida social se realiza. Por isso não cabe hierarquia entre elas (GOMES, 2017, p. 59).

Buscamos outras pedagogias, que não as hegemônicas, que escutem e ampliem as vozes das minorias, “pedagogias engajadas, que compartilham com a educação e com a sociedade novas possibilidades político-pedagógicas” (PASSOS, 2022, p. 39). Dessa necessidade de falar e ser ouvido surgem as rodas de POETRY SLAM no Brasil.

O POETRY SLAM é uma manifestação cultural que gira em torno da expressão poética oral e corporal. Trata-se de batalhas de poesia falada em que os participantes levam textos autorais para serem declamados, lidos ou cantados. Nessa batalha, não deve haver uso de objetos cênicos e todos os poetas recebem notas de um júri formado por até cinco pessoas. Característica forte é o teor político das poesias que abordam questões sociais, de gênero, de raça, de classe, de território etc. Além disso, as poesias incorporam referências históricas e educacionais.

Segundo Roberta Estrela D’alva (2011), o movimento nasceu em meado dos anos 1980, em Chicago (EUA), e tem como precursora, no Brasil, a própria poeta, responsável por trazer essa cultura para o país e fundar o primeiro Slam brasileiro – o ZAP (Zona autônoma da palavra), em 2008, na cidade São Paulo (SP). Como nos traz Rogério Coelho (2017), as rodas de Slam têm em sua maioria cinco regras principais. São elas: (1) as poesias precisam ser autorais; (2) cada poesia deve ter duração de até três minutos; (3) não é permitido o uso de objetos cênicos ou instrumentos musicais; (4) as poesias são julgadas por um júri formado por cinco pessoas escolhidas aleatoriamente entre o público presente; (5) as notas variam de 0 a 10, de forma que a maior e a menor notas são descartadas e as demais somadas, totalizando um máximo de 30 pontos.

O Slam se caracteriza pela criação de espaços democráticos, de escuta e de fala; ensinamentos e aprendizagem; dar e receber. O termo “slam” é uma onomatopeia de língua inglesa para representar o barulho de uma batida. As temáticas que predominam nessas batalhas são, por vezes, aquelas também abordadas pelo movimento HIP-HOP. Nascido em uma Nova York (EUA), rodeado de miséria, conflitos territoriais, violência e transformações do espaço urbano, o HIP-HOP é ferramenta social que traz, via expressões artísticas, a denúncia dos problemas estruturais das populações negras e periféricas de todo o mundo. No Brasil, o movimento ganhou força primeiro em São Paulo, principalmente com Os Racionais MC’s (1988). Em entrevista ao blog “Centro de crítica da mídia”, da PUC Minas, a ex-assessora de Marielle Franco e atual deputada pelo Psol do Rio de Janeiro, Dani Monteiro, destaca a importância do HIP-HOP em seus 50 anos de existência.

A história do HIP-HOP é uma história de resistência, de criação, de arte, de expressão, fundamentalmente. Tinha de ser coisa de preto, é “noiz, né”? Nós, que ainda precisamos gritar que somos gente para garantir o nosso lugar. E por mais que esse lugar seja a favela, o nosso direito é à cidade, ao estado, ao país. O que o HIP – HOP faz é nos deixar mais felizes e mais fortes para encarar esse bagulho todo que nos arrumaram, de uma escravidão que não se encerra (MONTEIRO, 2024).

A conduta do Movimento HIP-HOP, também do Slam, valoriza a importância de passar adiante os conhecimentos adquiridos dentro da prática do próprio movimento. Em virtude disso, os movimentos urbanos e a arte-educação caminham de mãos dadas há muitas gerações. Sabedoria da rua é passada adiante através da música, dança, artes visuais e oralidades. A Literatura Marginal pode englobar o HIP- HOP, os saraus de poesia, os Slams, bem como toda produção literária que é realizada nas periferias, que têm como ponto de partida o falar de si por si, se apropriando da palavra e contando a própria história (MINCHILLO, 2016).

Pensando nas histórias que atravessam vivências guiadas pela oralidade criamos, em 2017, em Juiz de Fora (MG), o projeto “Poesia na Escola”. Essa iniciativa foi idealizada por um grupo de poetas, entre eles Laura Conceição uma das autoras desse artigo e professoras, com a vontade de aproximar assuntos cotidianamente vividos tanto na escola quanto na rua, por jovens durante seu processo de aprendizagem. O movimento se faz com poetas e arte-educadores do projeto que visitam escolas públicas realizando apresentações, intervenções, oficinas e batalhas poéticas que envolvem estudantes, professores, funcionárias e funcionários de diversos setores.

Formas culturais popularmente vivenciadas entre discentes dificilmente estão presentes no processo educativo da escola regular ou são legitimadas enquanto cultura por algumas pessoas no posto de educadores. Os saberes populares e comunitários podem, entretanto, adquirir relevância na educação escolar, no momento em que são visualizados como percursos importantes no processo de aprendizagem, para ilustrar princípios e teorias de determinadas áreas do conhecimento, para a elevação da autoestima, para a prática da cidadania, da tolerância, da solidariedade, do respeito ao diferente e de valorização do plural, fazendo com que a escola passe a viver valores democráticos e não apenas a louvá-los em seu discurso (SILVA; GARRIDO; STORI; SANCHEZ, 2005, p. 2). Defendemos a importância dos saberes com os quais os alunos e as alunas chegam até a escola e suas vivências em sociedade. E como nos lembra Paulo Freire, há muito tempo,

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1997, p. 33).

Trazemos registros emergentes das visitas que fizemos às escolas públicas de Minas Gerais através do “Poesia na Escola”. De acordo com Elizabeth Silva (2005, p. 15) “as práticas escolares, mantém pouca ou nenhuma relação com o universo cultural dos estudantes, não representam algo que tenha significação para eles”. É aí que a gente entra.

Partiremos aqui da prática do que Nilma Lino Gomes (2017) chama de “Conhecimento–Emancipação” no qual o ato de conhecer está diretamente relacionado ao saber, sabor e saborear de cada experiência. “O Conhecimento–Emancipação é intensamente vinculado às práticas sociais, culturais e políticas” (GOMES, 2017, p. 59). É noiz!

ENCRUZILHADA: ONDE SE FALA SOBRE GÊNERO E RAÇA

Analisar as existências de forma interseccional é garantir uma percepção ampliada das relações condicionantes da realidade social e assim, interferir de forma mais potente na sociedade. No livro “Interseccionalidades: Feminismos plurais”, Carla Akotirene (2019) traz a importância dessa ação na construção de uma sociedade antirracista.

A interseccionalidade instrumentaliza os movimentos antirracistas, feministas e instâncias protetivas dos direitos humanos a lidarem com as pautas das mulheres negras. Compreenderem, por exemplo, que nos Estados Unidos a General Motors, até a década de 1960, não contratava mulheres negras e, quando passou a fazê-lo na década seguinte, manteve a discriminação de raça e gênero prescrita às demissões compulsórias e

restrições para admissão baseadas na altura e no peso corporal de seus funcionários (AKOTIRENE, 2019, p. 37).

O que Akotirene destaca é como a discriminação de classe – da classe trabalhadora – afetou de modo distinto o corpo de mulheres negras, fazendo com que discriminações contra elas fossem mais diversificadas que entre outros grupos de trabalhadores. Desse modo, interseccionalidade não trata de somar ou hierarquizar opressões, mas demonstra como a discriminação baseada em diferentes características incide de modo distinto sobre o corpo que experimenta vivências múltiplas. Entender e respeitar a sociedade de forma a levar em consideração as interseccionalidades é, portanto, uma maneira de contribuir também para elaboração de políticas públicas mais amplas e efetivas para diminuição de genocídios, racismos, etnocídios, epistemicídios, feminicídios, homofobias, transfobias etc. A compreensão de fatores múltiplos que perpassam as existências dos seres humanos e inumanos garante a maior variabilidade de existências e, por isso, da própria vida em comunidade.

Os poetas nos Slams também trazem com frequência informações sobre o movimento feminista, a importância da luta por igualdade de direitos, por respeito e pela ocupação de espaços que por muitas vezes nos são negados. Uma das autoras deste artigo é poeta e participa do movimento do Slam desde o seu início. Ela conta suas vivências na poesia falada, existindo e reexistindo enquanto mulher parda lésbica numa sociedade hegemonicamente machista, racista, lgbtfóbica e letrada.

Angela Davis, conhecida mundialmente por sua luta e ativismo traz em seu livro “Mulher, raça e classe” (2016) a importância de entender e considerar esses atravessamentos sociais, não apenas como forma de compor a subjetividade de cada indivíduo, mas também como fatores que determinam como a sociedade vai enxergar, julgar e enquadrar cada ser humano. Esses marcadores acabam por determinar o “lugar” social de cada indivíduo. Esse pensamento de enquadramento é o que combatemos, para construir uma sociedade mais democrática, plural e acolhedora.

De acordo com Nilma Lino Gomes (2017), os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos por grupos que não são hegemônicos em nossa sociedade. O Slam, assim como o Movimento HIP-HOP, se caracteriza como braço urbano potente do Movimento Negro no Brasil. “É também o Movimento Negro responsável por trazer a arte. A corporalidade, o cabelo crespo, as cores da África para o campo da estética, da beleza, do reconhecimento e da representatividade” (GOMES, 20017, p. 18). E é isso que fazemos!

Quando o assunto é poesia na escola, a abordagem dessas temáticas e suas interseccionalidades se tornam ainda mais importantes no processo de acolhimento escolar. Quando a gente leva poesias com temáticas que dialogam sobre gênero e raça para dentro das escolas e das oficinas, a gente contribui para que esse processo de identidade e autoconhecimento aconteça na vida de quem tem contato com o Slam.

SALA DE AULA É LUGAR DE TRANSFORMAÇÃO

Não existe um protocolo ou uma regra, uma ordem de ações a seguir em cada escola, repetidamente. O processo de imersão é libertador e assim livre de mecanizações. Cada instituição traz suas demandas, questões e, desse modo, temáticas diversas emergem das criações de estudantes.

De acordo com cada escola que entra em contato com nosso projeto, desenvolvemos a atividade mais adequada dentre as possibilidades: (i) apresentação poética, (ii) oficina de poesia e (iii) Slam escolar (batalha de poesia entre estudantes).

Romper o silêncio é envolver a escola buscando outro caminho que não seja esse de legitimar o que “já sabe”. Em última análise, podemos pensar que é uma solicitação atual de uma “nova” escola, como aquela em que se pode tentar saber como e em que medida é possível pensar e ser diferente do que se é (FERRARI, 2014, p. 15).

Desejamos romper os silêncios, o que nada tem a ver com dar voz a ninguém, pois cada pessoa já possui sua expressão. Apostamos num território escolar que seja possível de ser ocupado com o ainda não sabido, não determinado, ocupado por outras vivências e vozes não hegemônicas.

A *apresentação poética* acontece no tempo de uma aula (50 minutos) e consiste em uma conversa poética com os alunos e as alunas. Nesse encontro, nós poetas e poetisas formadores contamos um pouco sobre a nossa história de vida, sobre a história do Slam e seu surgimento no Brasil e então apresentamos nossas poesias. Essa apresentação acontece em praticamente todas as escolas que visitamos por ser ela base para realização do Slam ou/e das oficinas. Em alguns casos, o encontro se resume a esses 50 minutos, em outros, estendemos para outras atividades. Sempre seguindo a demanda da escola e do convite que recebemos. Na apresentação também trazemos a história do movimento HIP-HOP, seus elementos e a importância dos movimentos de rua na manutenção e expansão dos saberes de uma comunidade.

A *oficina de criação poética* acontece em dois encontros de 50 minutos, sendo o primeiro, uma apresentação e o segundo, a prática da escrita. Normalmente gostamos de quebrar o paradigma do caderno e caneta para escrever poesia e trabalhamos essa escrita de forma oral e coletiva. A poesia surge de uma conversa com toda a turma e então nós, artistas e arte-educadores, vamos registrando as ideias no quadro e o texto vai nascendo de forma leve e descontraída. Criamos batidas utilizando nossos corpos de forma a ritmar as rimas.

No caso do *Slam escolar (batalha de poesia falada entre estudantes da escola)* os dois encontros de 50 minutos acontecem com um mês de intervalo, pois entre um e outro, contamos com professores para estimular todo mundo a criar suas poesias e levar no dia da batalha. Na primeira visita, fazemos a tradicional apresentação poética e plantamos a semente da escrita. Durante o mês, as alunas e os alunos ganham espaços dentro das aulas para escrever e contar suas histórias. Na segunda visita, aqueles e aquelas que se sentirem bem (nunca é algo imposto) podem se inscrever para batalhar e apresentar suas poesias no Slam escolar.

Estamos dispostos a ouvir as alunas e os alunos. Nesse momento, as pessoas falam sobre suas histórias, suas alegrias, suas lutas, suas tristezas, suas famílias e até mesmo sobre sua escola. Nosso objetivo é proporcionar um ambiente seguro para as manifestações e para isso conversamos com colegas, professores, funcionárias e funcionários para reforçar a importância do respeito à escuta.

Questões muito pessoais podem emergir desse processo e é quando precisamos estar prontas para acolher, aconselhar e incentivar as alunas e os alunos. É recorrente a aparição de temáticas sociais, raciais, questões de gênero e sexualidade, resistência, amor e romance nos textos. Na primeira visita que fazemos acreditamos ser importante incentivar a representatividade através de nossa própria imagem. Elementos como nossos corpos, nossos cabelos, nossas roupas passam também uma mensagem. Ver poetas e poetisas negras se orgulhando de seu cabelo, sua cor, seu nariz, sua boca, inspira e incentiva a prática do amor próprio em meninos e meninas negras, assim como entender que meu orgulho de minha orientação sexual fortalece o processo de autoconhecimento coletivo e assim por diante. O corpo se mostra enquanto política de existência e de resistência. Corpo político em cena na poesia, na oralidade, na gestualidade: corporalidade.

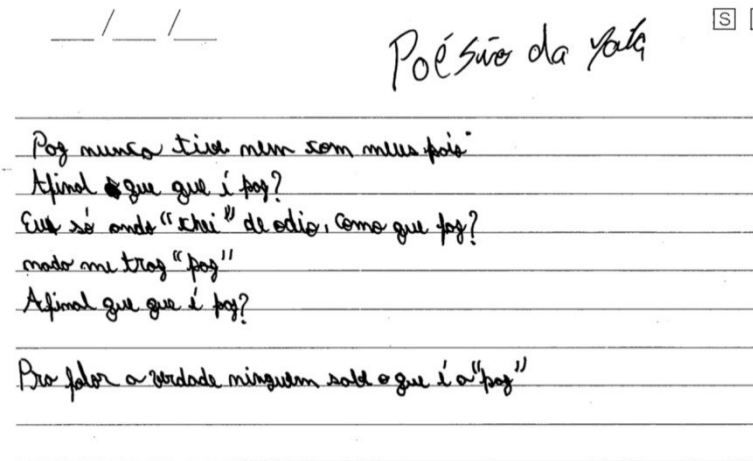
No Slam escolar, as regras são parecidas com as que usamos nos Slams pelas ruas do Brasil. No entanto, como um dos grandes objetivos é escutar o aluno e a aluna, normalmente não colocamos limite de tempo. Raros são os casos em que estudantes passam os tão temidos 3 minutos. Fora isso, as regras são as mesmas. Cada escola tem seu Grito de Slam criado por nós, em conjunto.

O júri dos Slams escolares é formado por professores, funcionárias e funcionários das escolas. Para evitar desentendimentos e injustiças preferimos que alunos e alunas não julguem as poesias de colegas com notas. Todas as pessoas são convidadas a apoiar e incentivar as amigas e os amigos com energia, gritos e reações positivas. Na hora da poesia, o silêncio precisa ser presente e as pessoas participantes, assim como em qualquer campeonato de poesia falada, podem ler seus textos ou trazê-los decorados.

FALA QUE EU TE ESCUTO: CADA PESSOA CONTA SUA HISTÓRIA

Os textos exibidos aqui foram feitos por alunos e alunas de 13 anos de idade. Em conversa sobre a universidade, elas e eles demonstraram o desejo de ver suas palavras neste artigo. Essas poesias foram recitadas por elas e por eles na batalha poética de uma escola pública da Zona Norte de Juiz de Fora (Minas Gerais). Através da escrita, podemos entender a realidade dos poetas e poetisas, suas vontades, seus questionamentos, suas queixas e suas prioridades. A arte e a literatura se tornam ferramentas de diálogo, expressão e comunicação.

Figura 1: primeiro poema



Fonte: pesquisadores.

*"Paz nunca tive nem com meus pais
Afinal o que é paz?
Eu só ando 'chei' de ódio, como que faz?
Nada me traz paz
Afinal o que é paz?
Pra falar a verdade ninguém sabe o que é paz"*

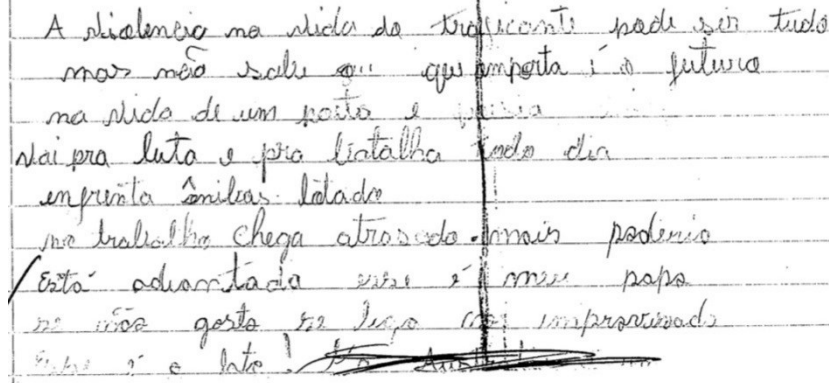
Figura 2: segundo poema

Resistir é insistir ir a lutar e Resistir A
Resistir é insistir ter foco e responsabilidade B
Força, foco resistir é um dia poder sorrir C
maturidade e uma atitude sem idade D

Fonte: pesquisadores

*"Resistir é insistir ir a luta e persistir
Resistir é insistir ter foco e responsabilidade
Força, foco resistir é um dia poder sorrir
Maturidade e uma atitude sem idade"*

Figura 3: terceiro poema

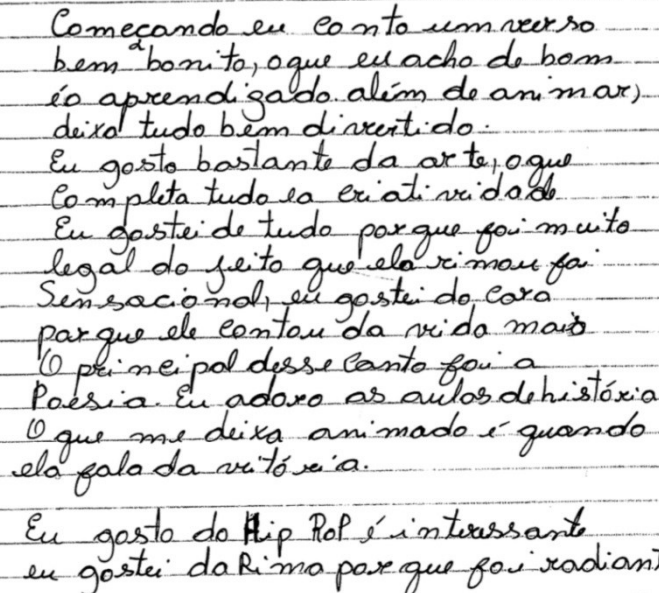


A violência na vida de um traficante pode ser tudo
mas não sabem que o que importa é o futuro
na vida de um poeta é a poesia
vai pra luta e pra batalha todo dia
enfrenta ônibus lotado
no trabalho chega atrasado mas poderia
estar adiantado esse é meu papo
se não gosta se liga no improvisado
Esse é o fato!

Fonte: pesquisadores.

"A violência na vida de um traficante pode ser tudo
Mas não sabem que o que importa é o futuro
Na vida de um poeta é a poesia
Vai pra luta e pra batalha todo dia
Enfrenta ônibus lotado
No trabalho chega atrasado mas poderia estar adiantado
Esse é meu papo
Se não gosta se liga no improvisado
Esse é o fato"

Figura 4: quarto poema



Começando eu conto um verso
bem bonito, o que eu acho de bom
é o aprendizado além de animar,
deixa tudo bem divertido.
Eu gosto bastante da arte, o que
completa toda a existência.
Eu gostei de tudo porque foi muito
legal do jeito que ela rimou foi
sensacional, eu gostei do cara
porque ele contou da vida mais
O principal desse canto foi a
Poesia. Eu adoro as aulas de história
O que me deixa animado é quando
ela fala da vitória.

Eu gosto do Hip Hop é interessante
eu gostei da Rima por que foi radiante.

Fonte: pesquisadores.

"Começando eu conto um verso
Bem bonito, o que eu acho de bom
É o aprendizado
Além de animar, deixa tudo bem divertido

*Eu gosto bastante da arte
O que completa tudo é a criatividade
Eu gostei de tudo
Porque foi muito legal
O jeito que ela rimou foi sensacional
Eu gostei do cara porque ele contou da vida
Mas o principal desse canto foi a poesia
Eu adoro as aulas de história
O que me deixa animado é quando
Ela fala de vitória
Eu gosto de Hip-Hop é interessante
Eu gostei da rima porque foi radiante”*

O último poema foi dado de presente como feedback de nossa ida. O “Cara” ao qual o jovem poeta se refere é PretoVivo, poeta e educador ou poeta-educador que estava junto durante essa visita. Muitos textos nascem para serem recitados no dia da batalha, porém, durante a atividade os alunos e alunas também se sentem inspiradas a escrever novas poesias.

As discussões que surgem em relação ao dialeto, às gírias e aos “palavrões” que existem nas poesias do Slam, nos reforçam que muitos “sabichões” criticam a linguagem usada nas poesias faladas para nos afastar das discussões e dos espaços de poder, para desqualificar e não ouvir nossos argumentos e reivindicações, quando essas expressões são espelho do cotidiano, de nossa gente, de nossa cultura, de nossas vidas.

Por que o povo da favela fala gíria? Preenchem a língua portuguesa com palavras potentes que o próprio colonizador não entende. E, assim falam português na frente do inimigo sem que ele entenda. A favela adestrou a língua, a enfeitiçou. Temos que enfeitiçar a língua (SANTOS [Nego Bispo], 2023, p. 14).

Conseguimos com nossas poesias faladas, com as oficinas e com os Slams na escola enfeitiçar a língua, como nos convida o querido ancestral pensador, poeta e ancestral quilombola, Nego Bispo. Nosso objetivo com o projeto “Poesia na escola” é conectar os jovens com suas realidades, sua comunidade, sua ancestralidade e principalmente, com sua própria personalidade que passa obviamente por modos singulares de uso da língua.

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erros dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí fora. Não sacam que tão falando pretuguês (GONZÁLEZ, 1984, p. 16).

Em nossas poesias, oficinas e Slams na escola falamos o pretuguês que mais do que expressão de “erros gramaticais” é o uso possível e legítimo fruto da vivência social na encruzilhada entre línguas ancestrais e a língua que nos é imposta e que, ao mesmo tempo, nos é negada com a precarização dos espaços escolares.

As intervenções são livres, poetas, arte-educadores não devem ser censores e todas as pessoas participantes podem ter a palavra a qualquer hora, desde que respeitem todas as existências envolvidas. Nenhum aluno ou aluna é obrigada a participar, sendo que são eles e elas que optam entre apenas assistir às atividades como ouvintes ou contribuir mais ativamente, contando suas próprias vivências através da poesia. Paulo Freire (1997) nos traz a importância da autonomia no processo educacional e da prática educativo-crítica. Partindo do ponto de que não há docência sem discência, quem está numa posição hegemônica de que ensina também aprende e quem estava num

lugar apenas de quem aprende, ensina. Ao final, todas as pessoas estão aprendendo sem necessariamente alguma ocupar o lugar hierárquico de alguém que ensina. Deixaremos de lado então qualquer estratificação que uma possível relação hierárquica entre professor e aluno possa causar. “O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão...” (FREIRE, 1997, p. 28). A poesia falada e o slam na escola têm se atualizado como experimentações plenas de uma educação democrática possível, pautada na dissolução de autoritarismos diversos e nas lutas antirracismo, anticlássico e antilgbtqfobia.

Criado pela professora e escritora Conceição Evaristo, o termo “Escrevivência” traz a junção das palavras “escrever e vivência”. Para Conceição, pensar a Escrevivência no meio acadêmico é também resgatar referências negras no campo do conhecimento. A Escrevivência é ferramenta potente para “desviar a flecha” da violência do racismo, do sexismo e outras linhas de opressão presentes dentro e fora da academia e, por conseguinte, da escola.

Em 2022, Conceição disse, em uma entrevista para Universidade de São Paulo, que “A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no primeiro sujeito. Ela [a escrevivência] carrega a vivência da coletividade” (HERMÍNIO, 2022). Com Conceição Evaristo aprendemos que a coletividade é fundamental nesse processo de escrever as vivências e, por isso, esse trabalho envolve muitas pessoas. Ampliar vozes, nossas vozes, se torna necessário nesse ambiente, da literatura, da academia e da escola básica. Pensando nisso, me veio a vontade de trazer algumas vozes que fazem parte desse processo de educação e arte. Os poetas e poetisas formadores são arte-educadores que entram nas escolas com suas vivências na ponta do lápis e na ponta da língua. Rimas e *flows*. Vontade de contar histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU VIDA LOKA É QUEM ESCREVE SUAS VIVÊNCIAS: QUEM FALA DE NOIZ É NOIZ

Esses dias tinha um moleque na quebrada
com uma arma de quase 400 páginas na mão
Um das minas cheirando prosa, uns acendendo poesia
Um cara sem nike no pé indo para o trampo com o zóio
vermelho de tanto ler no ônibus
Uns tiozinho e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de
poemas. Depois saíram vomitando versos na calçada
O tráfico de informação não para, uns estão saindo algemado
aos diplomas depois de experimentarem umas pílulas de
sabedoria. As famílias, coniventes, estão em êxtase
Esses vidas mansas estão esvaziando as cadeias e
desempregando os Datenas
A Vida não é mesmo loka?
(VAZ, 2015)

A poesia falada e o slam na escola têm mostrado como é necessário despertar o olhar e os ouvidos de educadores para outras manifestações artísticas, culturais e de resistência não hegemônicas – leia-se: não brancas, não europeias, não escritas, não heterossexuais etc. – para as querências, desejos de seus alunos e suas alunas. Mais, mostra também, como educadores que não são poetas ou poetisas têm apostado na poesia falada e no slam para produzir uma outra educação, já que nossa presença em todas as escolas só se realizou por convite. Façamos com que todas as vozes sejam ouvidas, todas as causas sejam compreendidas e as lutas difundidas. Pode parecer para alguns contraditório desejar figurar numa publicação escrita, num periódico acadêmico, escrever sobre poesia falada. Mas desejamos atentar para importância de escrever sobre casos em que a educação não formal e saberes da rua ganham espaço dentro das escolas públicas e potencializa expressões de alunos e alunas e sua cultura, invadindo as universidades e pesquisas acadêmicas, espaços historicamente elitizados, embranquecidos, dominados por homens. Essa é uma das formas de ocupar ambientes que por muito tempo foram negados a pessoas marginalizadas, ocupar como mais um lugar legítimo de expressão, como a escola e a

universidade. É potente carregar tais discussões sociais para a academia, unindo teoria e prática, apostando numa educação democraticamente transformadora.

Essa escrita faz parte de uma pesquisa que não se inicia aqui e não se finda também. A oralidade tem nos permitido manter vivas nossas raízes e nossa ancestralidade, pois como disse Nego Bispo, “podem queimar os livros, mas não vão queimar a oralidade”. A palavra quando usada para contar a história de resistência e criação de alguém, inspira e contagia. Ver-se em contato não hierárquico com a história e e, a vivência de outra pessoa constrói pontes de fortalecimento, potencializa outras tantas escrevivências. Lutamos por uma escola onde possamos contar nossas histórias para que continuemos a inventar modos de desierarquizar produções e saberes. Para que vidas não sejam silenciadas, para que muitas e muitas vidas sejam possíveis de serem vividas! Para que mais vozes ecoem na literatura, na universidade, nas escolas. Afinal, quem fala de noiz, é noiz!

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

COELHO, Rogerio Meira. **A palavração**: atos político-performáticos no Coletivo Sarau de Periferia e Poetry Slam Clube da Luta. 2017. 141 f. Dissertação (Mestrado em Artes) — Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

D’ALVA, Roberta. Estrela. Um microfone na mão e uma idia na cabeça: o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, São Paulo, n. 9, p. 119-126, 2011.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERRARI, Anderson. Experiência homossexual no contexto escolar. **Educar em revista**, Curitiba, Edição especial, n. 1., p 101-116, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/pWr95VfbVfF5rPfDHSxfqHB/?lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra; 1997.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALÉZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HERMÍNO, Beatriz. A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo. **Institutos de estudos avançados da Universidade de São Paulo**. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>. Acesso em: 25 mai. de 2024.

MINCHILLO, Carlos Cortez . **Slam**: cartografia social e território poético. Disponível em: <https://cdc.fflch.usp.br/sites/cdc.fflch.usp.br/files/inline-files/Slam%20-cartografia%20social%20e%20territo%CC%81rio%20poe%CC%81tico%20-%20Minchillo%20-%20marc%CC%A7o%202017.pdf> Acesso em: 27 ago. 2024.

MONTEIRO, Daniella. Hip-hop completa 50 anos como ‘arma cultural’ para denunciar problemas sociais. [Entrevista concedida a] Jaqueline Deister. **Centro de crítica da mídia**. 15 de agosto de 2023. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/ccm/hip-hop-completa-50-anos-como-arma-cultural-para-denunciar-problemas-sociais/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

PASSOS, Maria Clara. **Pedagogias das Travestilidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. (Nego Bispo). **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SILVA, Elizabeth Marciano; GARRIDO, Elsa; STORI, Norberto; SANCHEZ, Petra. A escola e a cultura do jovem de periferia. *In*: SEMINÁRIO SOBRE PRÁTICAS DE LEITURA, GÊNERO E EXCLUSÃO, 3., 2005, São Paulo. **Anais**. São Paulo, 2005.

VAZ, Sérgio. A vida é loka. **Portal Geledés**, São Paulo, 10 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vida-e-loka-por-sergio-vaz/> Acesso em: 16 de maio de 2024.